

**NIETZSCHE E O PENSAMENTO CHINÊS: INFLUÊNCIA, DIÁLOGO  
E RECEPÇÃO<sup>1</sup>**

[NIETZSCHE AND THE CHINESE THOUGHT: INFLUENCE, DIALOGUE AND  
RECEPTION]

**Wilson Luciano Onofri**  
*wilsonluciano@gmail.com*

*Mestre e doutorando em filosofia no programa de Pós-graduação da UFES (Universidade Federal do Espírito Santo).*

**DOI: [10.25244/tf.v14i2.3709](https://doi.org/10.25244/tf.v14i2.3709)**

Recebido em: 13 de Dezembro de 2021. Aprovado em: 14 de Julho de 2022

---

<sup>1</sup> As citações da obra de Nietzsche estão no formato convencionado pela Pesquisa Nietzsche, de forma que as demais citações estão no formato ano e página.



**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo analisar a relação da filosofia de Nietzsche com o pensamento chinês. Para tanto, a investigação procurou analisar quatro pontos fundamentais, a saber: uma primeira parte dedicada à investigação sobre o sentido que o tipo chinês ocupa no pensamento de Nietzsche, buscando ressaltar o caráter polissêmico do uso da palavra pelo filósofo para além do caráter estritamente pejorativo, mostrando inclusive uma compatibilidade entre as duas formas de pensamento; uma segunda parte dedicada a história de recepção do pensamento de Nietzsche na China; uma terceira parte sobre a primeira recepção do pensamento de Nietzsche na China no pensamento político de Liang Qichao, em meio ao debate sobre o darwinismo social na China; e uma quarta e última parte dedicada à recepção da filosofia de Nietzsche por meio dos estudos filosóficos de Wang Guowei, responsável pela divulgação do pensamento de Nietzsche na China, mais especificamente nos estudos sobre a relação entre a filosofia de Schopenhauer e o pensamento de Nietzsche.

**Palavras-chave:** Filosofia chinesa, Liang Qichao, Wang Guowei, darwinismo social e ética.

**Abstract:** The present work aims to analyze the relationship between Nietzsche's philosophy and Chinese thought. Therefore, the investigation sought to analyze four fundamental points, namely: a first part dedicated to the investigation of the meaning that the Chinese type occupies in Nietzsche's thought, seeking to emphasize the polysemic character of the philosopher's use of the word beyond the strictly pejorative character, even showing a compatibility between the two ways of thinking; a second part dedicated to the history of reception of Nietzsche's thought in China; a third part about the first reception of Nietzsche's thought in China in Liang Qichao's political thought, in the midst of the debate on social Darwinism in China; and a fourth and final part dedicated to the reception of Nietzsche's philosophy through the philosophical studies of Wang Guowei, responsible for the dissemination of Nietzsche's thought in China, more specifically in studies on the relationship between Schopenhauer's philosophy and Nietzsche's thought.

**Keywords:** chinese philosophy, Liang Qichao, Wang Guowei, Social Darwinism and ethics.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O intercâmbio entre tradições de pensamento de diferentes culturas sempre traz consigo a possibilidade de contato com novas concepções e acesso a diferentes modos de compreensão do mundo não disponíveis usualmente nas formas de autocompreensão da própria cultura. É nessa perspectiva do intercâmbio de culturas que se busca aqui analisar a relação da filosofia de Nietzsche com o pensamento chinês, isto é, buscando alargar a formas de reflexão sobre a realidade a partir da permuta cultural entre esses modos de pensamento aparentemente tão distantes.

Diante as várias possibilidades de abordagem de um tema tão vasto e ao mesmo tempo de tão reduzida bibliografia, o presente trabalho buscou analisar o tema a partir de quatro pontos fundamentais, a saber: uma primeira parte referente a influência do pensamento chinês na filosofia nietzschiana, buscando enfatizar o sentido de um tipo chinês no pensamento de Nietzsche para além da concepção estritamente pejorativa, mas adequado a uma concepção polissêmica ao estilo do filósofo alemão e que encontra ressonância na própria filosofia chinesa; uma segunda parte dedicada a reconstrução da história de recepção do pensamento de Nietzsche na China; uma terceira parte destinada a exposição da primeira recepção de Nietzsche na China por meio do pensamento de Liang Qichao em suas reflexões sobre a aplicabilidade do darwinismo no âmbito da sociedade e das nações; e uma quarta e última parte dedicada à recepção de Wang Guowei, a partir das reflexões dedicadas à Schopenhauer e Nietzsche.

## A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO CHINÊS NA FILOSOFIA NIETZSCHIANA

Não é de grande surpresa que Nietzsche tenha tido algum contato com o pensamento asiático, em especial o chinês, tendo em vista a longa história de interesse por parte dos filósofos alemães com as ideias desse país. Apesar de não se pode dizer que se trata necessariamente de um interesse significativo, é o suficiente para que se possa ter algum registro na obra de autores consagrados. Leibniz por exemplo, tinha um grande fascínio pelo clássico chinês *O livro das mutações (I jing)* e pela filosofia neoconfucionista. Hegel tratou da filosofia chinesa em sua extensa *História*, enquanto Schelling se envolveu em curtas, porém frutíferas discussões sobre o Taoísmo (Cf. PARKES, 2017, p. 420).

Apesar dos ocasionais comentários de Nietzsche sobre a China, especula-se que ele não soubesse mais sobre a cultura deste país do que se pode esperar de um alemão bem-educado de sua época. Existe apenas uma alusão a um pensador chinês nas obras publicadas, mais especificamente no aforismo 32 de *Anticristo*, onde Nietzsche observa que se Jesus tivesse surgido entre os chineses, teria utilizado conceitos oriundos de Laozi (Lao Tsu). Outra menção a pensadores chineses pode ser encontrada numa carta tardia a Peter Gast, em que o filósofo após anunciar a descoberta de uma tradução francesa da obra hindu *Leis de Manu*, comenta que Confúcio e Laozi poderiam muito bem ter sido influenciados por esse texto histórico (Cf. KGB Carta a Peter Gast, 31 de maio de 1888.). O contato de Nietzsche com o filósofo chinês é provável que advenha de uma tradução de Laozi publicada em Leipzig em 1870 (Cf. PARKER, p.422-42).

Não obstante essa referência pouco elucidativa ao filósofo chinês, Nietzsche as vezes parece ter à primeira vista uma concepção pejorativa do tipo chinês de forma geral. Um bom exemplo disso é a polêmica passagem de *Além de bem e mal*, mais especificamente no aforismo 210 da obra, onde Nietzsche chama Kant de “chinês de Königsberg” (Cf. ABM 210). Stephen Palmquist procura mostrar, todavia, que tal compreensão não se ajusta facilmente ao que pode ser a visão de Nietzsche sobre os chineses.

Essa concepção estritamente depreciativa do que significaria ser “chinês” para Nietzsche encontra ressonância em passagens como de *Genealogia da moral*, no aforismo 12 da primeira dissertação, onde ele escreve que: “Hoje nada vemos que queira tornar-se mais ralo, mais plácido, prudente, manso, indiferente, medíocre, chinês, cristão – não há dúvida, o homem se torna cada vez “melhor”...” (GM I, 12. ).

Essa compreensão depreciativa encontraria confirmação em caracterizações de Kant feitas por Nietzsche de teor similar ao considerá-lo como “teólogo” engessado e moralista que acrescentou “um freio a mais na retidão alemã” (AC 10). Todavia, até mesmo essa caracterização estritamente depreciativa de Kant feita por Nietzsche, da mesma forma que a caracterização pejorativa do tipo chinês não se acomoda facilmente quando levado em consideração a totalidade da obra do filósofo do eterno retorno.

O principal argumento contra essa caracterização estritamente depreciativa pode ser encontrado na obra *Ecce Homo*, onde o filósofo esclarece a sua ética guerreira, deixando claro que só faz guerra com o que possui valor. Ele estabelece quatro princípios gerais dessa ética, a saber: atacar só causas vitoriosas; atacar somente causas onde não se encontra aliados para tanto; atacar somente causas, mas não pessoas; e por último, atacar somente causas onde não exista diferença pessoal, ou qualquer pano de fundo ruim (Cf. EH, Por que sou tão inteligente, 7).

Desta forma, para aquele que segue esses princípios, o ato de chamar um filósofo alemão de chinês, pode muito bem ser um elogio. Ademais, motivos para tanto também não faltam, uma vez que em diversas outras passagens Nietzsche mostra uma atitude de admiração com a China e o chinês. Em *Além de bem e mal* mesmo, no aforismo final da obra, Nietzsche compara sua própria atividade literária como as pinturas de um mandarim que com seu “pincel chinês” eterniza tudo que “consente ser escrito” (Cf. ABM 296).

Em *Aurora*, mais especificamente no aforismo 207, o filósofo fala da necessidade europeia de desaprender as comodidades do mundo industrial, onde a presença de chineses poderia “contribuir para injetar no sangue da inquieta e extenuada Europa alguma calma contemplatividade asiática, assim como – o que mais é necessário – *perseverança asiática*” (A 207).

Ademais, essa perspectiva favorável de Nietzsche sobre a China vai ao encontro das possibilidades de diálogo com a própria filosofia chinesa. Um importante paralelo, por exemplo, pode ser feito entre o pensamento de Nietzsche e a filosofia de Confúcio.

Embora por muito tempo Nietzsche tenha ostentado a fama de filósofo radical e iconoclasta, declamando a morte de Deus e promovendo uma transvaloração de todos os valores ao estilo dionisíaco, atualmente tem-se vislumbrado um Nietzsche mais conservador (Cf. PARKES, 2007, p.443). Essa imagem de filósofo dionisíaco não mais obscurece o fato de que Nietzsche é um filósofo tanto metodologicamente meticuloso quanto compromissado eticamente por meio de noções tais como responsabilidade e dever. Nietzsche fala inclusive de uma “responsabilidade por séculos adiante, de *solidariedade* entre cadeias de gerações, para frente e para atrás *in infinitum*” (Cf. CI, IX 39).

De modo similar, a tradição chinesa em geral, mas especificamente Confúcio, coloca em relevo a dívida do indivíduo para com os ancestrais, com condição necessária para a plena realização

da humanidade de um indivíduo e de sua atividade criativa apropriada no presente (Cf. PARKES, 2007, p.444). Assim, segundo Confúcio, para um indivíduo realizar a sua humanidade (ren) plena, é necessário que ele não apenas reconheça o papel da tradição como constitutiva de si, mas também se aproprie criativamente desta tradição.

Percebe-se assim que a atitude de Nietzsche para com a China não pode ser resumida numa posição estritamente depreciativa por meio de uma leitura isolada de certas passagens. As sutilezas que emergem da leitura contextualizada pode trazer a luz nuances mais proveitosas do que aquelas oriundas da lógica binária de aprovação e desaprovação. A própria perspectiva de diálogo como se pode ver entre essas suas tradições de pensamento é um bom exemplo de abordagem proveitosa para além da lógica mencionada.

## A INFLUÊNCIA DE NIETZSCHE NA CHINA

Os últimos cem anos de vida intelectual na China foram caracterizados por uma intensa interação entre as ideias ocidentais e o pensamento chinês. A história dessa interação levantou o interesse de muitos estudiosos, tanto do lado chinês como do lado ocidental, levando ao surgimento de uma vasta literatura a respeito da influência ocidental na cultura chinesa. Assim, existe um enorme corpo literário dedicado a retratar a influência na China de pensadores ocidentais individualmente considerados, tais como Charles Darwin, Hebert Spencer, John Dewey, Bertrand Russel, Sigmund Freud, Karl Marx e tantos outros.

Nietzsche não poderia ficar de fora desse grupo de ilustres pensadores com influência no pensamento chinês. Essa influência do pensamento de Nietzsche na China não só existe, como tem também todo um debate a respeito dessa influência. Reputa-se que o mais antigo estudo sobre a questão da influência de Nietzsche no pensamento chinês é o artigo de Cai Yuanpei intitulado *Filosofia chinesa nos últimos cinquenta anos* de 1923. Cai pesquisou as alusões à Nietzsche até então existentes nos escritos chineses. Ele fez referência aos comentários de Wang Guowey sobre Schopenhauer e Nietzsche, embora ao final tenha concluído que tal presença foi por demasiada sucinta. Ele menciona ainda a edição especial dedicada a Nietzsche da revista *Sino do povo*, compilada por Li Shicen e publicada em 1920 (Cf. SHAO, 1995, p.2).

Em 1932, Guo Zhanbo discute a influência de Nietzsche na filosofia chinesa na obra *A história intelectual da China nos últimos cinquenta anos*. O tratamento de Guo, no entanto, não tem sido considerado de grande mérito, uma vez que ele acaba por confundir a filosofia de Nietzsche com o positivismo de Augusto Comte e o materialismo histórico de Marx (Cf. Idem).

Em 1982, Le Daiyung escreveu um artigo intitulado *Nietzsche e a literatura moderna chinesa*, onde ele detalha especificamente o papel das ideias de Nietzsche no Novo Movimento Cultural e no Movimento Fascista Chinês. No artigo ele enfatiza o caráter seletivo com que os chineses trataram as ideias provenientes do estrangeiro (Cf. Idem).

Na década de 1980 foram publicados uma série de artigos onde se discutia a influência de Nietzsche em autores chineses específicos. A grande maioria desses artigos examinou a menção à Nietzsche por esses autores, bem como a mudança de interesse de Nietzsche para Marx. Destes artigos, se destacam os trabalhos de Cheng Zhizhong e Cheung Chiu-yee, devido a atenção dedicada ao trabalho de Lu Xun. O texto deste último estudioso, intitulado *Nietzsche e o*

*desenvolvimento do pensamento de Lu Xun*, tem uma abrangente bibliografia, incluindo estudos chineses de Nietzsche e algumas traduções do filósofo alemão (Cf. *Ibidem*, p.3).

No que se refere ao trabalho de autores não chineses sobre a influência de Nietzsche na China, existem ainda menos obras dedicadas ao tema. Onoe Kanehide foi a pioneira nos estudos sobre a influência de Nietzsche em Lu Xun, com estudo datando 1961. Malian Galiak publicou *Nietzsche na China (1918-1925)* em 1972, onde ele examinou as referências de Liang Qichao a Nietzsche, a crítica de Wang Guowei ao filósofo alemão, bem como revisou os escritos das principais personalidades literárias do movimento da Nova Cultura sobre Nietzsche. Ele ainda oferece uma abrangente análise sobre a introdução ao pensamento de Nietzsche de Mao Tun e revisa todos os artigos da revista *Sino do Povo* dedicados a Nietzsche (Cf. *Ibidem*).

Em 1991 David Kelly publica o artigo *Nietzsche e a mente chinesa, 1907 – 1989*, tratando-se de uma análise geral da influência de Nietzsche em vários autores chineses, de modo que metade da obra é dedicada a era pós-Mao. Assim, ele se refere à era pós-Mao como a combinação das piores características da modernidade e do feudalismo. Trata-se de modo geral no emprego de Nietzsche para realização de uma crítica individualista à tradição chinesa.

Esses foram alguns dos estudos sobre a recepção do pensamento de Nietzsche na China. Como se pode ver, a bibliografia dedicada ao tema, apesar de existente e alcançar estudiosos tanto de nacionalidade chinesa como também pesquisadores ocidentais, ainda se trata de um número reduzido de trabalhos. Todavia, essa limitação numérica não impede que se tenha um bom panorama sobre a história de recepção do pensamento de Nietzsche na China.

## A INFLUÊNCIA DE NIETZSCHE EM LIANG QICHAO

Por muitos anos nos estudos de recepção do pensamento de Nietzsche na China era de comum opinião entre os pesquisadores que Wang Guowei foi o primeiro a contribuir para a descoberta de Nietzsche, em especial pela sua obra *Schopenhauer e Nietzsche*, publicada em 1904. No entanto, a partir dos estudos do professor taiwanês Chen Guying, descobriu-se que a primeira menção feita a Nietzsche na China se refere ao ano de 1902, a partir do artigo publicado pelo reformista Liang Qichao intitulado *O ensinamento de Kidd*, na décima oitava edição da revista *Rejuvenescimento do Povo* (Cf. YU, 2000, p.25).

Liang Qichao nasceu em fevereiro de 1873 na província de Guangdong situada ao sul da China. A data pertence ao breve período de ressurgimento militar e centralização do poder político do império Qing, sob o reinado de Tongzhi. Em retrospecto histórico, no entanto, trata-se dos momentos finais e cada vez mais agonizantes da dinastia imperial da história chinesa (TANG, 1996, p.1).

Tendo vivido num período histórico de grandes mudanças, Liang Qichao foi uma das figuras políticas mais importantes de sua época. Qichao foi líder da reforma de 1898, mais bem conhecida como Reforma dos Cem Dias. Detentor de um inigualável estilo, muitos de seus artigos publicados no jornal *Rejuvenescimento do Povo* tiveram um grande impacto no público chinês, em especial os jovens. Assim, os escritos de Qichao foram fundamentais na formação da mentalidade da geração de intelectuais subsequentes na história da China. Entre essa geração de intelectuais, estão nomes como Chen Duxiu, líder do Movimento da Nova Cultura; Hu Shih, o mais famoso

liberal do século vinte da China; e mesmo Mao Zedong, fundador da República Popular da China (SHAO, 1995, p.8).

A recepção de Nietzsche por Liang Qichao acontece em meio a recepção do tema do darwinismo social da China. Qichao teve seu primeiro contato com o pensamento ocidental em 1896 por meio da obra de Yen Fu intitulada *Sobre a Evolução*. Este foi primeiro livro em chinês a introduzir pensamento ocidental moderno de modo sistematizado na China. Baseada na obra de Henry Huxley *Evolução e Ética*, marcada pelo engajamento do autor na polêmica contra o darwinismo social de Herbert Spencer, por meio da defesa dos valores éticos nas relações humanas em detrimento dos princípios dos processos de desenvolvimento natural, a obra de Fu possibilitou a recepção da questão sobre qual sistema de valor deve ser seguido nas relações humanas, valores morais ou princípios naturais (Ibidem, p.16).

Yen Fu, discordando de Huxley, entendia o domínio humano em continuidade do natural, constituindo uma única esfera articulada mecanicamente pela lei da seleção natural, estando, portanto, a luta pela sobrevivência na ordem do dia. Todavia, deu uma nova configuração à questão de acordo com os imperativos histórico-culturais chineses. Se por um lado Fu pensou que a competição entre as nações poderia trazer progresso, a mesma conclusão já não poderia se tirar no âmbito interno. Fu acreditava que o sucesso das nações ocidentais estava, não na competição interna mediada pelo princípio do auto interesse na sociedade, mas na capacidade de os ocidentais sacrificarem seu auto interesse em nome da nação. Assim, abre-se um espaço para uma nova abordagem na questão aos moldes chineses. No âmbito externo, o progresso adviria da competição entre as nações, enquanto no âmbito interno o desenvolvimento se daria a partir do âmbito moral, tal como preceituado pelo confucionismo (Ibidem, p.19).

A posição de Liang Qichao sobre o tema, pode ser encontrada no artigo intitulado *A lição de Kidd, um revolucionário da teoria da evolução*. Segundo o artigo do filósofo chinês, Darwin lançou os fundamentos da teoria da evolução, enquanto Spencer o sistematizou, de modo que Benjamin Kidd revolucionou a teoria ao colocar a seguinte pergunta: Como pode a humanidade alcançar a evolução e para onde isso a levará?

Seguindo os termos de Yen Fu, ele se reporta à divisão entre âmbito externo internacional de competição entre as nações e o âmbito interno da sociedade onde deve prevalecer a ordem moral caso se queira alcançar a evolução. Nesse sentido, para Qichao a competição entre as nações pode trazer progresso, onde nações fracas podem se tornar fortes (Ibidem, p.25).

É nesse artigo de 1902, que em meio ao debate sobre a teoria da evolução, a referência à Nietzsche se encontra. Mencionado brevemente ao lado de Karl Marx, ambos os autores são considerados como expressão dos dois extremos do mesmo princípio, isto é, a preponderância do presente em detrimento do futuro. Indo além de Kidd, ele comenta que os pontos de ambos os autores são razoáveis, tratando Nietzsche como uma espécie de social darwinista, considerando o autor um extremo defensor do direito do mais forte. Observa-se, no entanto, que Qichao poderia ter usado essa descrição para se referir a qualquer social darwinista que defendesse a aplicação da teoria de Darwin ao âmbito interno da esfera da sociedade (Idem).

Embora o conhecimento de Qichao sobre o pensamento ocidental se tornasse maior, não há qualquer evidência de que ele tenha se dedicado à filosofia de Nietzsche. Diante as consequências desastrosas da guerra, as crises econômicas nos países em disputa e os conflitos entre as classes, Qichao acabou se afastando do darwinismo social, de modo que tal distanciamento não o aproximou do socialismo marxista, mas o conduziu de volta às suas raízes filosóficas no confucionismo e no budismo.

## WANG GUOWEI E NIETZSCHE

Apesar de Liang Qichao ter sido o primeiro pensador a fazer alusão à Nietzsche na China, a breve menção feita por Qichao não foi capaz de disseminar o pensamento do filósofo alemão no país. O mérito pela divulgação e propagação das ideias de Nietzsche na China ficaram a cargo do trabalho filosófico de Wang Guowei. A influência da recepção de Nietzsche por Guowei é tamanha, que por muito tempo se pensou que ele teria sido o responsável pela primeira referência ao filósofo alemão (Cf. YU, 2000, p.30).

Wang Guowei foi um dos mais influentes pensadores chineses do século vinte, se estabelecendo como pioneiro em diversos campos do conhecimento, tais como filosofia, literatura crítica, estética, história chinesa, etimologia, epigrafia, geografia antiga, entre outros. Ademais, ele foi ainda amplamente celebrado como poeta na forma clássica da lírica Ci, que se desenvolveu no período inicial da dinastia Song (Cf. WANG, 2002, p.37).

Nascido em 1877 em Haining, na província de Zhejiang, oriundo de um contexto familiar assentado na tradição acadêmica patriótica oficial, Guowei obteve o grau *xincai* aos dezesseis anos de idade, passando a ser conhecido em sua cidade como um dos quatro talentos emergentes, como reconhecimento de seus talentos literários e amplas leituras. Em 1893 e 1897 participou de exame para obtenção do grau *juren*, mas não obteve sucesso, uma vez que acabou desistindo por falta de motivação.

Diante este insucesso em suas pretensões profissionais, se torna tutor privado como forma de obter sustento, e logo em seguida acaba se casando. Em 1898 muda-se para Shangai, onde assume o posto de escriturário e revisor do jornal *Shiwu Bao* (atualidades). Guowei teve contato com passagens de Kant e Schopenhauer por meio de ensaios do professor japonês Taoka Reiun enquanto frequentava as aulas no Instituto Oriental, razão esta que o levou a desenvolver um profundo interesse em filosofia ocidental e pelo desejo de aprender o idioma inglês (Cf. Idem).

Em 1901, Guowei foi para a Escola de Física em Tóquio, aprendendo inglês durante o dia e se dedicando à matemática no período noturno. Não mais que metade de um ano depois ele foi obrigado a voltar para a China em razão de doença. De volta à terra natal, ele inicia a edição do jornal *Jiaoyu Shijie* (Educação mundial), sob o patrocínio de Luo Zhenyu. Nesse período, ele leu e traduziu uma série de trabalhos nas mais diversas áreas, em especial, nas áreas de educação, sociologia e psicologia, bem como em ética, estética e filosofia em geral (Cf. Idem).

No período de 1903 a 1907, Guowei leu a *Crítica da razão pura* quatro vezes, lendo-a em particular a partir da filosofia de Schopenhauer presente na obra *Mundo como vontade e representação*. Desse período em diante o interesse de Guowei se divide cada vez mais entre a atividade da especulação filosófica e o sucesso do empreendimento de escrita poética (Cf. Idem).

No que se refere à Nietzsche é possível dizer que Guowei dedicou grande atenção ao filósofo, produzindo uma série de ensaios dedicados ao mundo educacional. Entre os ensaios publicados por Guowei, podem ser destacados: *A visão de Nietzsche sobre educação* publicado em março de 1904; *A vida do grande reformador cultural alemão Nietzsche* de junho de 1904; *O ensino de Nietzsche* publicada em julho de 1904; e *Schopenhauer e Nietzsche* de outubro também de 1904 (Cf. YU, 2000, p.30).

Como bem descreve o título do primeiro texto de Guowei sobre Nietzsche, *A visão de Nietzsche sobre educação*, trata-se de um escrito dedicado ao tema da educação com foco nos reflexos culturais da instrução formal. Assim, segundo Guowei, o filósofo alemão é concebido como um



crítico cultural à prática pedagógica de seu tempo levando em conta o potencial formativo da educação. Assim, enquanto um crítico da cultura de seu tempo, filósofo alemão denuncia a educação de sua época como mero ornamento social, deixando de lado seu significado formativo do indivíduo. No sentido dessa crítica, a formação pedagógica é vista como desconectada da realidade (Cf. *Ibidem*, p.31).

Segundo Guowei, o empreendimento filosófico de Nietzsche consiste nesse caso, em buscar formas de aprimoramento para a cultura moderna, e em modos de educar os homens da modernidade. Desta forma, segundo Nietzsche, quem deveria responder a questão sobre os rumos que a cultura deveria tomar deveria ser o filósofo, que a partir de uma atividade legiferante apontaria o futuro a ser perseguido (Cf. *Idem*).

Um dos objetivos do texto de Guowei é transmitir as opiniões de Nietzsche sobre a prática educacional. Nesse sentido, o conceito de educação trabalhado no texto não se refere a um grande número de pessoas comuns, mas apenas a figura dos cavalheiros. Assim, Guowei mostra maior interesse na formação de apenas poucos gênios, dando destaque na formação da personalidade desses indivíduos, argumentando que apenas um pequeno número poderia se destacar e se elevar na multidão. Em contraste com essa pessoa nobre, Guowei fala constantemente no texto de um grande número de pessoas simples que se enquadram na classe de servos. A lacuna entre senhores e servos não pode ser superada pois no estado de natureza que as pessoas estão submetidas prevalece a desigualdade.

Essa posição é enfatizada por Guowei a partir de uma comparação das ideias de Nietzsche com o pensamento Rousseau. Após expor a posição de Rousseau sobre caráter benevolente e igualitário da condição humana natural, Guowei passa a explicar a posição de Nietzsche retratando-o como um forte adversário e opositor da doutrina da igualdade tanto no âmbito político como no campo social. Nesse sentido, Guowei enxerga em Nietzsche uma forma de condição natural humana pautada numa lógica diferenciação combativa. Assim, a natureza humana seria o fundamento para o início de uma nova cultura, uma vez que a diferença enquanto lei fundamental da natureza traria consigo o potencial de realização da criatividade.

É importante ainda destacar, que foi nessa obra de Guowei que o conceito nietzschiano de *Além do homem* é apresentado pela primeira vez ao público chinês. A preocupação de Guowei com a questão da cultura pode em grande medida ser vista a partir desse conceito nietzschiano. O apelo à necessidade de se ter como meta da cultura a produção de grandes personalidades, tem na interpretação de Guowei uma forte relação com o conceito de *Além do homem* (Cf. *Ibidem*, p.33).

O segundo texto a ser trabalhado é o artigo de Guowei de outubro 1904 intitulado *Schopenhauer e Nietzsche*. O trabalho pode ser resumido em um argumento, a saber: a filosofia de Nietzsche é o desenvolvimento da filosofia de Schopenhauer. Sabe-se que Wang Guowei foi um assíduo estudioso do pensamento de Schopenhauer, todavia, especula-se a circunstância de seu afastamento da filosofia schopenhaueriana. A forma como a questão se coloca é se Guowei teria perdido o interesse por Schopenhauer a partir da leitura de Nietzsche ou se foi sua insatisfação com as posições de Schopenhauer que o levaram à filosofia de Nietzsche (Cf. *Idem*). Não obstante a especulação sobre o tema, ainda não há uma posição clara a respeito dessa questão.

O que se sabe é que de acordo com Guowei, Nietzsche concorda com Schopenhauer no que diz respeito a noção de vontade como essência da vida humana, porém questiona a posição do filósofo pessimista no que se refere a possibilidade de anulação dessa vontade. Segundo Guowei, Nietzsche argumenta que o fundamento para anulação da vontade também se refere a uma vontade, isto é, para se anular a vontade tal como quer a ética schopenhaueriana, deve-se querer mediante um ato de vontade que a vontade seja anulada, sendo, portanto, impossível essa anulação (Cf. *Idem*).

Nesse sentido, percebe-se uma forte crítica ao sentido da ética schopenhaueriana feita por Nietzsche. De outro lado, Guowei enxerga uma afinidade entre a estética de Schopenhauer e o pensamento de Nietzsche em termos de herança intelectual, não obstante a crítica de Nietzsche à ética de Schopenhauer. Nesse sentido, enquanto continuação da filosofia de Schopenhauer, Nietzsche teria recepcionado o elitismo intelectual e a teoria do gênio como modelos para constituição da própria noção de Além do homem enquanto horizonte ético de sua filosofia (Cf. Idem.).

Pode-se perceber assim que em comparação com as reflexões políticas feitas por Qichao, a contribuição feita por Wang Guowei a recepção do pensamento de Nietzsche na China se mostra muito mais substancial. Mais do que a instrumentalização de Nietzsche para reflexões dos problemas políticos de sua época, Guowei realizou um verdadeiro trabalho exegético com o escaço material que tinha em mãos, fazendo uma contribuição fundamental para a divulgação do pensamento de Nietzsche na China.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pôde ver, a influência do pensamento de Nietzsche na China foi marcante desde o início, de modo a não haver um intervalo significativo entre a publicação das obras do filósofo alemão na Europa e a posterior recepção de seu pensamento na China. Embora ainda não exista uma vasta bibliografia disponível sobre o tema, a área de pesquisa sobre a relação do pensamento de Nietzsche e a filosofia chinesa é um campo fecundo para o desenvolvimento de trabalhos. Ademais, vale ainda mencionar que o âmbito de influência de Nietzsche na China não se limitou apenas a esses dois filósofos chineses, ficando de fora do presente trabalho pensadores importantes como Chen Duxiu, Li Dazhao, Lu Xun, até mesmo Mao Zedong e outros.

## REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtliche Werke, Kritische Studienausgabe*. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari (Berlin: Gruyter, 1967-1977).

NIETZSCHE, Friedrich. **Briefwechsel**: Kritische Gesamtausgabe. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari (Berlin: Gruyter, 1967-1977).

NIETZSCHE, Friedrich. **Além de bem e mal**. Tradução de Paulo César de Souza. Companhia de Bolso, São Paulo, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**. Tradução Paulo César de Souza. Companhia das Letras, São Paulo, 2004.

- NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos**. Tradução Paulo César de Souza. Companhia das Letras, São Paulo, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**. Tradução de Paulo César de Souza. Companhia de Bolso, São Paulo, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. Tradução Paulo César de Souza. Companhia de Bolso, São Paulo 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O anticristo**. Tradução Paulo César de Souza. Companhia de Bolso, São Paulo, 2016.
- PALMQUIST, Stephen R. **How “Chinese” was Kant**. *The philosopher*, volume LXXXIV, nº 1, march 1993.
- PARKER, Graham. **Nietzsche e o pensamento do leste asiático: influências, impactos e ressonâncias**. Companion Nietzsche. Ed. Ideias e Letras. São Paulo, 2017.
- SHAO, Lixin. **Nietzsche in China**. UMI Company, NY 1995.
- TANG, Xiaobing. **Global space and the nationalist discourse of modernity: The historical thinking of Liang Qichao**. Stanford University Press, 1996.
- WANG, Keping. **Wang Gouwei: Philosophy of Aesthetic Criticism**. Contemporary chinese philosophy, Blackwell publishers. 2002.
- YU, Longfa. **Begegnungen mit Nietzsche: Ein Beitrag zu Nietzsche-rezeptionstendenzen im chinesischen Leben und Denken von 1919 bis heute**. Wuppertal, 2000.